

## Editorial

No segundo semestre deste ano, vamos finalizar os estudos do Seminário 10, *A angústia*, passando pelas duas últimas lições: “De um círculo irreduzível ao ponto” e “Do *a* aos Nomes-do-Pai”. Em seguida, iniciaremos os estudos em torno do Seminário 7 de Jacques Lacan, *A ética da psicanálise*.

Este seminário, considerado o segundo retorno a Freud, marca uma virada no ensino de Lacan. É um tatear e introduzir o campo do real, o qual Lacan chamará de campo da Coisa. Nessa perspectiva, ele propõe uma ética que leve em consideração que o princípio da realidade é regido pelo Real da Coisa. Lacan sugere que a psicanálise se estabeleceu, a partir de Freud, como uma ética do desejo – uma ética que se diferencia dos fundamentos filosóficos.

Em seu seminário, Lacan se propõe a extrair “as consequências éticas gerais que a relação com o inconsciente, tal como foi aberto por Freud, comporta” [1]. As coordenadas se articulariam, segundo Lacan, “por meio de uma orientação do referenciamento do homem em relação ao real”. Para isso, seria preciso “ver o que ocorreu no intervalo entre Aristóteles e Freud” [2].

A ética da psicanálise é a práxis de sua teoria, diz Lacan, ou seja, fazer da teoria não um modelo aplicável, mas uma práxis que a produz a partir das ocorrências, coerente com o que se espera de um psicanalista à altura do ato e do real. Por isso, a ética da psicanálise não se dirige ao universal da lei, muito menos ao supremo bem, mas sim, a uma ética do bem-dizer o sintoma. A ética da psicanálise é a ética do desejo, que implica o desejo do sujeito que se presentifica na transferência ao analista, como desejo do Outro, o inconsciente, suportado pelo desejo do analista.

Fundamentado em uma ética anticapitalista, o psicanalista desmascara os semblantes do social com os quais se travestem os discursos da dominação: os gadgets como objetos de desejo, os corpos-mercadorias, os novos produtos sólidos no lugar da fluidez dos laços, as violentas investidas racistas de segregação da diferença.[3] É nessa trilha que a resposta do psicanalista se diferencia da ciência por levar em consideração o sujeito do desejo que esta rejeita e se opõe à resposta do capitalista porque não foralclui, como este, a falta.

Nesse sentido, há um aspecto essencial que ilustra a prática analítica, prevista neste Seminário: o trabalho com o vazio. No processo de criação da cerâmica, há um passo crucial: o de produzir o oco que ela engendra. As

peças precisam estar vazias por dentro para que possam ser queimadas e para que o ar quente circule, passando por todas as paredes; caso contrário, explodem. Assim, o vazio e o barro são operantes e estruturam o espaço lacunar necessário para que o vaso se sustente em pé. Para ilustrar isso, Lacan [1] usou o vaso como metáfora: “É por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador mítico, ex nihilo, a partir do furo.”

Eis a subversão ética que a psicanálise estende: a aposta no bem-dizer como resposta do psicanalista frente ao impossível de dizer tudo. O trabalho proposto pelo Fórum do Campo Lacaniano de BH sustenta essa ética, com seus dispositivos e a disposição de cada um, que desejamos em permanente atualização. Além dos seminários e oficinas ofertados, no Fórum BH há um lugar onde pulsam as questões referentes à psicanálise em intensão e extensão. Trata-se do Espaço Escola: passe, cartel, garantia, enfim, como concebemos a formação dos operadores para a psicanálise.

Abriremos nossas atividades com o tema: “Qual a novidade do seminário A ética da psicanálise?”, com o colega Antônio Quinet, AME e membro do Fórum Rio. Nos dias 29 e 30 de novembro de 2024, dando ressonância aos nossos estudos e fazendo eco do nosso último encontro temático, realizaremos nossa jornada anual nomeada: “Os sinais da angústia na clínica, na política e na arte”, tendo como convidada conferencista a colega Glaucia Nagem, AME e membra do Fórum SP e EPFCL - Brasil. Esperamos que esse encontro, ao insistir no valor epistêmico amplo da angústia, nos incline a refletir sobre a vertente do objeto a, como causa de desejo e condensador de gozo, e sobre quais as respostas do analista orientado pela ética do desejo e do bem-dizer.

Sigamos, com muito trabalho e entusiasmo, motivados pelo desejo de psicanálise que nos une!

Peter Augusto

Pela Comissão de Gestão (2024-2025)

[1] LACAN, Jacques. (1991). *Seminário*, livro VII. *A ética da psicanálise* [1959-60] (pg. 268). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

[2] LACAN, Jacques. (1991). *Seminário*, livro VII. *A ética da psicanálise* [1959-60] (pg. 21). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

[3] QUINET, A., & ALBERT, S. (2011). O que responde o psicanalista? Ética e clínica. *Revista WUNSCH*, 11, mês de publicação.

[4] LACAN, Jacques. (1991). *Seminário*, livro VII. *A ética da psicanálise* [1959-60] (pg. 153). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.